

Antropologia Católica da Homossexualidade

Uma resposta filosófica, teológica e espiritual

Um Monge

Amostra gratuita — capítulo 1 de 6

Capítulo 1 — Por que este livro

Miguel

Vamos chamá-lo de Miguel, porque ele precisa de um nome para que esta história caminhe com ele até o fim do livro, mas ele podia se chamar de qualquer outro jeito, porque essa história se repete, com pequenas variações, em milhares de casas católicas.

Miguel descobriu, ainda adolescente, que sentia atração por outros meninos. Não foi um estalo, foi mais devagar que isso: primeiro percebeu que era diferente do que os colegas pareciam sentir, depois percebeu que era melhor não comentar, e só bem mais tarde aprendeu o nome certo para o que sentia. Cresceu na Igreja. Foi crismado, serviu no altar durante um tempo, ainda hoje reza o terço com a avó porque sempre rezou, desde pequeno, sentado no sofá dela enquanto ela passava as contas entre os dedos. Ama a Igreja. Não quer deixar de amá-la.

E, ao mesmo tempo, carrega uma atração que a própria Igreja chama de desordenada. Ouviu essa palavra de relance, um dia, num sermão, ou numa conversa de família em que ninguém sabia que ele estava escutando, e ela ficou martelando dentro dele, sem que ninguém parasse para explicar o que realmente queria dizer. "Desordenado." Como se dissesse: você é isso, e não há mais nada a acrescentar.

Este livro foi escrito pensando em Miguel.

E foi escrito, também, para quem está ao lado dele, porque Miguel nunca está tão sozinho quanto imagina. Para o pai dele, que não

sabe se deve tocar no assunto ou fingir que não percebeu nada. Para a mãe, que reza todas as noites sem saber direito o que pedir. Para o padre a quem ele um dia vai confiar isso no confessional, e que vai sentir o peso de escolher cada palavra com cuidado. Para o amigo que quer ser leal à fé e leal a Miguel ao mesmo tempo, e não sabe se as duas lealdades cabem juntas na mesma pessoa. E para qualquer leitor católico que só queira entender o que a própria tradição realmente ensina sobre isso, sem o barulho de quem só quer vencer a próxima discussão.

Não é preciso ter formação em filosofia nem em teologia para acompanhar este livro do começo ao fim. Toda vez que uma palavra técnica aparecer, ela vem explicada na hora, com um exemplo do dia a dia, não com outra palavra técnica em cima da primeira. O objetivo é explicar devagar, com paciência, para quem nunca teve a chance de ouvir essa explicação de ninguém.

A palavra que assusta antes de explicar

"Desordenada" é a palavra que mais assusta nessa conversa inteira. O Catecismo a usa, no parágrafo 2357, para descrever a inclinação homossexual, e ela soa como uma porta batendo na cara antes que qualquer explicação tenha chance de chegar. Quem ouve isso pela primeira vez, sem contexto, como Miguel ouviu, costuma entender duas coisas erradas ao mesmo tempo: que a Igreja está dizendo que ele é, no fundo, defeituoso, e que não há mais nada a dizer depois disso.

As duas coisas erradas se alimentam uma da outra. E as duas são desmentidas pelo próprio texto que a maioria das pessoas para de

ler cedo demais. O parágrafo seguinte do Catecismo, o 2358, fala em provação, fala em acolhimento, manda evitar "qualquer sinal de discriminação injusta" contra Miguel. O parágrafo depois, o 2359, fala em castidade, mas também em amizade, oração, graça, um caminho de vida inteiro, não uma sentença.

Pense numa chave que não abre a fechadura para a qual foi feita. Alguém diria que essa chave está "desordenada" em relação àquela fechadura, sem que isso signifique que a chave, como objeto, seja malfeita ou sem valor. É exatamente esse tipo de coisa que a Igreja quer dizer quando usa a palavra "desordenado": uma relação entre um ato e uma finalidade, não um veredito sobre o valor de uma pessoa. O segundo capítulo deste livro vai devagar por essa distinção, com calma, até ela ficar clara.

Boa parte do que este livro faz, do começo ao fim, é isso: devolver a Miguel o parágrafo que ficou de fora, a frase que foi cortada, a nuance que desapareceu entre o título de uma matéria e o comentário raivoso embaixo dela.

De onde escrevo

Preciso dizer, com toda a honestidade, de onde escrevo. Sou católico, teólogo, e passei boa parte da vida adulta estudando o que a tradição cristã, a filosofia, a psicologia e, mais recentemente, a própria ciência biológica têm a dizer sobre desejo, natureza e vontade. Não escrevo fingindo uma neutralidade que não tenho. Fingir seria desonesto, e também contraproducente: um livro que finge não ter posição, quando na verdade chega a uma conclusão bem definida, mais cedo ou mais tarde é flagrado, e a partir daí o

leitor deixa de confiar em qualquer coisa que o livro diga, mesmo nas partes em que ele estava certo.

A tradição que sustenta este livro é a tomista, a linha de pensamento que segue Tomás de Aquino, o frade dominicano do século treze que deu à teologia moral católica o aparato mais rigoroso que ela já teve. É a mesma tradição que atravessa vinte séculos de reflexão cristã sobre o que o ser humano é, desde Agostinho de Hipona, no século quatro, até os teólogos morais do nosso século.

Mas escrever a partir de uma posição não dispensa rigor. Ao contrário, cobra mais rigor, não menos, porque é fácil demais citar de memória, ou repetir uma frase que alguém já disse sem checar se ela é exata. Cada fato deste livro, cada número, cada citação, foi conferido na fonte primária antes de entrar: o próprio Catecismo, a própria Carta, o próprio livro citado, não um resumo de segunda mão nem uma citação repetida de livro em livro sem que ninguém tenha voltado a checar a origem.

Por isso mesmo, este livro tem um alcance deliberadamente limitado. Não é um panfleto de guerra cultural, e não pretende arbitrar toda controvérsia científica, clínica ou institucional que atravessa este tema, muitas delas movidas por interesses que não são os de Miguel. Onde a ciência ou a psicologia ainda estão em disputa real, entre pessoas sérias dos dois lados, este livro nomeia a disputa, cita quem precisa ser citado, e segue adiante, sem fingir ter autoridade para fechá-la sozinho.

A ciência aparece no livro, porque a origem da atração de Miguel é uma pergunta real, que merece ser respondida com o mesmo rigor

que qualquer outra pergunta sobre a natureza humana. Só que, como o segundo capítulo vai mostrar, ela nunca foi a pergunta mais importante, por mais que se insistia em tratá-la como se fosse. O que este livro tem a oferecer é outra coisa, mais funda: uma resposta filosófica, teológica e espiritual à pergunta de Miguel, construída sobre o que a tradição católica, lida com cuidado, direto na fonte, tem a dizer sobre natureza, sobre desejo, sobre a dignidade de uma pessoa concreta, e sobre o que ele precisa saber para viver com integridade diante de Deus.

A tese do livro, numa frase

A tese do livro inteiro cabe numa única frase: o homem tem uma natureza dada, com finalidade própria, e é por essa finalidade que um ato se avalia moralmente, não pela origem do desejo que leva a ele. Todo o resto que vem depois só existe para mostrar o trabalho por trás dessa frase, para que ela não precise ser aceita por autoridade, só por argumento.

Miguel não escolheu a atração que sente, do mesmo jeito que ninguém escolhe nascer canhoto, ou nascer com determinado tom de pele, ou com talento raro para música. Isso é dado. Mas o corpo humano, incluindo a sexualidade, nasce com uma finalidade própria, do mesmo jeito que um olho já nasce feito para ver, antes mesmo de a pessoa decidir usá-lo assim. Julgar se um ato é certo ou errado não depende de como a pessoa passou a desejar aquilo, seja qual for a explicação, genética, criação, experiência de vida. Depende de se aquele ato corresponde ou não à finalidade própria da capacidade humana que o pratica.

Essa frase não nasceu comigo, e não nasceu no século vinte. Está em Agostinho de Hipona, escrita como confissão pessoal, treze séculos antes de qualquer filósofo contemporâneo formalizá-la. Está em Tomás de Aquino, que lhe deu o aparato conceitual mais rigoroso que a tradição ocidental já produziu. E está, com outro vocabulário e sem premissa religiosa nenhuma, em cada psiquiatra que já precisou usar a palavra "desordem" em sua prática clínica e parou para perguntar de onde vem o direito de usá-la.

Como este livro está organizado

O livro está organizado para ser lido do começo ao fim, não consultado aos pedaços, porque cada capítulo depende do anterior, do mesmo jeito que o segundo andar de uma casa depende do primeiro para se sustentar.

O segundo capítulo constrói o fundamento: primeiro, o que a Igreja ensina sobre a dignidade de Miguel, antes mesmo de qualquer discussão sobre desejo ou ato; depois, o argumento de lei natural que sustenta o julgamento moral sobre atos específicos. Sem esse fundamento, tudo o que vem depois soa arbitrário, uma opinião entre outras. Com ele, vira o que realmente é: uma conclusão que segue de premissas examinadas com cuidado.

O terceiro capítulo pergunta o que a ciência de fato sabe sobre a origem da atração de Miguel, e por que essa pergunta, mesmo respondida por completo, não mudaria nada do que o capítulo anterior já estabeleceu.

O quarto capítulo explica por que ficou tão difícil, para a cultura em que Miguel vive, sequer fazer essas perguntas com calma: de

onde vem a ideia, hoje tão espalhada que quase ninguém percebe que ela é uma ideia e não um fato, de que a identidade de uma pessoa se define pelo que ela sente, não pelo que ela é.

O quinto capítulo desce do plano filosófico para a vida concreta de Miguel, com a ajuda de professores mais antigos do que qualquer psicologia: os padres do deserto, que descreveram como uma paixão qualquer, não só a de Miguel, vira escravidão, e como reconhecer nela mais uma batalha a vencer do que uma identidade a assumir. Dali, o capítulo desce ainda mais, até o que a Igreja pede na prática, e o que comunidades reais, com nome e história, já construíram para viver isso com dignidade.

E o sexto, e último, fecha nomeando com honestidade o que ainda não sabemos, porque um livro que termina fingindo mais certeza do que a evidência sustenta não presta um bom serviço a Miguel, nem a ninguém.

Vale ler na ordem. O capítulo seguinte começa exatamente onde precisa começar: não com a lista de textos bíblicos que costuma abrir esse assunto, mas com a pergunta mais funda de todas, o que Miguel é, antes mesmo de qualquer discussão sobre desejo ou sobre ato.

O livro continua — cinco capítulos, mais a bibliografia.